

A reconstrução e manutenção da identidade libanesa em Foz do Iguaçu¹

*Aretusa Catiúscia Cardoso Barakat*²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo estudar a identidade da comunidade Libanesa em Foz do Iguaçu e os elementos simbólicos de manutenção dessa identidade. Do período de 1950, ano da chegada dos primeiros imigrantes libaneses na cidade até 2006, ano da produção desse estudo. Este trabalho foi realizado com base em entrevistas com libaneses residentes em Foz do Iguaçu.

PALAVRAS-CHAVE:

Libaneses, Cultura, Identidade, Fronteira.

¹ Este artigo é fruto do trabalho de conclusão de curso de História, realizado no final de 2006, sob a orientação da Msc. Solange da Silva Portz na Faculdade União das Américas, em Foz do Iguaçu - PR.

² Graduada em História pela Faculdade União das Américas - Uniamérica. Pós-graduanda em Fundamentos Filosóficos da Educação pela Universidade do Oeste do Paraná - Unioeste/Foz do Iguaçu.

INTRODUÇÃO

Quem visitar Foz do Iguaçu, na Tríplice Fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, se surpreenderá com a cultura das 65 etnias que compõem a população local.³ Este artigo está voltado ao estudo da comunidade libanesa de Foz do Iguaçu. O interesse em estudar a comunidade libanesa surge por ser riquíssima em seu aspecto cultural e pela cidade ser considerada a segunda maior colônia árabe no Brasil.

O estudo tem como objetivo pesquisar o início da imigração árabe em Foz do Iguaçu em 1950, quantos libaneses se encontram na cidade até o ano 2006 e quais são as manifestações culturais, econômicas e sociais da comunidade libanesa em Foz do Iguaçu.

Propõe-se que as indagações propostas tenham suas resoluções através do uso de entrevistas com cidadãos pertencentes à etnia árabe em Foz do Iguaçu e com dados documentais obtidos através das mesquitas situadas em Foz do Iguaçu.

Procura-se analisar como a comunidade libanesa reconstrói sua identidade e quais os elementos simbólicos para a manutenção dessa identidade.

As entrevistas foram realizadas com cinco libaneses residentes em Foz do Iguaçu, cujos nomes, conforme solicitado, foram preservados neste artigo. Tais pessoas foram selecionadas por pertencerem a áreas distintas como: comércio, direção de escola árabe, filho de pioneiro, libanesa casada com brasileiro e o libanês perante o casamento com brasileira.

³ Informações retiradas dos dados da Comunidade Beneficente Islâmica de Foz do Iguaçu. Foram utilizados dados da Comunidade Islâmica Sunita por estar com a documentação organizada para pesquisa, bem como possuir interesse no desenvolvimento de estudo sobre a comunidade.

Tal estudo tem a perspectiva da História Cultural, que conforme Peter Burke afirma em sua obra “O que é História Cultural?”, volta-se ao estudo dos aspectos culturais do comportamento humano e aos valores de grupos particulares em locais e períodos específicos. Volta-se também às categorias explicativas de caráter regionalizado, onde as diferenças culturais assumem uma importância maior que os elementos políticos e econômicos. Assim, os elementos simbólicos passam a ser objetos de estudo (BURKE, 2005).

Os integrantes da cultura libanesa são popularmente conhecidos pelos brasileiros como turcos⁴. De modo geral, estão inclusos nessa denominação todos os emigrantes de língua árabe e religião muçulmana, sem prejuízo de respeitável número de libaneses católicos.

Verifica-se que o traço cultural que une tais nações independentes é o idioma árabe, além do que aos muçulmanos isto se concretiza na religião, já que o livro sagrado do Islã utiliza o árabe exclusivamente (KNOWLTON, 1960:98).

O termo árabe foi identificado com muçulmano em virtude do surgimento do Islã como unidade de religião e de império.

Além dos aspectos idioma e religião, como enfatiza Knowlton, que são tidos como os principais traços que tornam os libaneses uma comunidade em Foz do Iguaçu, para os iguaçuenses, é o vestuário das mulheres e meninas que identifica os membros da cultura libanesa. Com roupas dos pés à cabeça em uma cidade aonde a temperatura chega a quarenta e cinco graus, as mulheres libanesas

⁴ O que difere é a nacionalidade, seja da Síria, Líbano, Arábia Saudita, Palestina, Turquia, sendo o traço igualitário primordial entre estes povos o uso da língua árabe.

sempre saem acompanhadas de seus familiares homens ou de outras mulheres.

Mesmo com certos hábitos sendo estranhos aos olhos dos iguaçuenses, os libaneses, como ressalta Bastani, “têm capacidade de adaptação, de aceitação dos elementos culturais nativos e de preservar a cultura mãe, que após tantos anos, em sua grande maioria, permanece intacta” (BASTANI, 1945:56).

Através de informações fornecidas por funcionários da Comunidade Islâmica Beneficente teve-se o conhecimento do primeiro imigrante Libanês em Foz do Iguaçu. Em entrevista com o filho do primeiro imigrante libanês, descobre-se que a escolha de Foz do Iguaçu como destino é curiosa, e começa com a chegada, em 1950, do mascate libanês. Então Foz do Iguaçu não passava de um batalhão de fronteira do Exército Brasileiro. Como poucos eram os mercadores que se aventuravam tão longe do litoral, seu pai viu sua carga de tecidos e utensílios domésticos desaparecer nas mãos dos soldados e suas famílias. Parecia uma festa, todo mundo queria comprar dele.

Um ano e outras rentáveis viagens depois, seu pai resolveu trazer o primogênito e abrir uma loja na frente do Batalhão. O entrevistado nos contou que cinco anos depois chegou a família toda. A prosperidade atraiu para a região primos e amigos tanto de Baloul, cidade natal dele, como da vizinha Lala⁵, cidade de sua esposa, formando uma pequena colônia libanesa no povoado, praticamente isolado do resto do país.

Para sorte dos pioneiros, Foz cresceu um bocado nos anos da década de 1960, com a construção da Ponte da Amizade até Ciudad

⁵ Cidades localizadas no Líbano no Vale do Beka

del Este (na época Puerto Stroessner), no Paraguai, e o asfaltamento da BR-277 até Curitiba.

Depois, com a hidrelétrica de Itaipu, estava estabelecido o cenário para Foz do Iguaçu se tornar uma cidade próspera para o desenvolvimento e expansão do comércio, já que o fluxo de pessoas na cidade só aumentava⁶.

Na análise do relato pode-se verificar o uso da memória, que tem por fim fazer reviver, simbolicamente, o que já passou (PESAVENTO, 2001:55). O filho faz presente em seus relatos a trajetória de sua família. Desta forma ele deixa claro o pertencimento dos libaneses a Foz do Iguaçu, que mesmo preservando a identidade libanesa, fazem parte não só do cenário iguaçuense, mas da história de Foz do Iguaçu. Segundo o relato do entrevistado, ele possui um sentimento de pertencimento a Foz do Iguaçu, adotando O Brasil (a partir da cidade) como sua pátria. Tanto é que os corpos de seus pais estão enterrados em Foz do Iguaçu e não foram levados para o Líbano, como é hábito entre os Libaneses.

Muitos libaneses vieram para Foz do Iguaçu. Segundo dados da própria comunidade libanesa, hoje são aproximadamente 12 mil imigrantes de origem árabe⁷, boa parte deles vivendo no bairro Jardim Central, onde as ruas têm nomes peculiares, como Meca e Palestina.

Como ressalta Katryn Woodward, é “uma forma de fornecerem imagens com as quais possam se identificar” (WOODWARD, 2000: 18). Visa manter acesso à memória, não

⁶ Dados fornecidos pelo filho do primeiro imigrante em Foz do Iguaçu, em 06 de Janeiro de 2007, transcritos por Aretusa Barakat.

⁷ Dados fornecidos pela Sociedade Beneficente Islâmica de Foz do Iguaçu, em 05 de Janeiro de 2007.

esquecendo a cultura da qual fazem parte. A reconstrução e a manutenção da identidade são constantes.

Como indivíduos pertencentes a Foz do Iguaçu, mesmo com suas peculiaridades, os libaneses participam ativamente da vida econômica. Na Avenida JK, região mais freqüentada pelos libaneses no centro da cidade, por exemplo, eles administram três lanchonetes, dois açougues, uma escola de dança do ventre, um salão de beleza, um supermercado, uma confeitaria, um cyber-café, uma mercearia especializada em produtos oriundos do Líbano, uma escola de idiomas (inclusive o árabe), uma doceira exclusiva de doces árabes e uma série de bares e vendas com aquelas letras árabes em seus letreiros e freqüentadas em grande parte por libaneses.

Essa verdadeira rede de comércio de serviços atende especialmente os imigrantes, em sua maioria vindos do Líbano, que mesmo longe de sua pátria mantêm hábitos como se estivessem em sua terra natal. Também atende aos brasileiros que de alguma forma integram famílias árabes ou brasileiros que mesmo sem perceber já aderiram à cultura árabe, consumindo comidas árabes, fumando arguile, aprendendo a dança do ventre e até mesmo tendo interesse em aprender a falar e entender o que os libaneses falam nas ruas e comércios.

Pela abrangência e diversidade da vida econômica dos libaneses, fica demonstrado que procuram suprir as necessidades da comunidade libanesa com um bom leque de opções. Continuaram a manter sua vida social, visando com isso manter sua identidade sempre presente, através da repetição de discursos.

A presença árabe se faz notar em toda Foz do Iguaçu. De dia é fácil distinguir mulheres cobertas pelo véu fazendo compras pelas ruas. À noite, os homens ocupam suas mesas nos restaurantes,

tagarelando em árabe depois de passar o dia atrás do balcão de suas lojas no centro da cidade, perto da ponte de Amizade ou nas galerias de Ciudad del Este (no Paraguai).

A idéia é confraternizar, e até o sectarismo religioso é deixado de lado. Sempre que se pergunta a alguém se é xiita ou sunita, a resposta vem precedida de um sincero “Ah, somos todos muçulmanos”. Essa é uma das diferenças entre os muçulmanos do Brasil para o Líbano, pois no Líbano, na vida social entre os Xiitas e os Sunitas muitas vezes existem fronteiras. No Brasil tais fronteiras são desconsideradas, visando a manutenção da cultura Libanesa como um todo. Isso quer dizer que o que está em jogo é a preservação da nacionalidade libanesa.

Apesar de aclamarem a boa acolhida do povo brasileiro, a maioria dos árabes que se encontra em Foz do Iguaçu relaciona-se predominantemente com outros árabes. Alguns imigrantes de primeira geração nem sequer falam bem o português e ainda acalentam o sonho de retornar à terra natal. “Nos sentimos refugiados. Não fizemos planos de deixar nosso país e tínhamos uma única saída: emigrar”, explica-me o segundo entrevistado que se lembra de como sofreu para dominar o português.

A língua é sem dúvida o maior obstáculo à integração, mas não é o único. “A religião muçumana também torna difícil a integração. Segundo o Islã, um muçulmano não deve consumir álcool nem carne de porco e deve comer apenas carne abatida segundo o preceito Hallal (o animal é degolado com um só golpe de uma faca bem afiada e depois pendurado para que todo o sangue escorra). Como fazer, então, para confraternizar com um povo cujas atividades sociais geralmente ocorrem em torno de uma mesa com cerveja e cujo prato mais famoso é feijão-preto com metade de um porco boiando

dentro?”, conta o segundo entrevistado libanês naturalizado brasileiro, residente em Foz do Iguaçu.⁸

Tal barreira também foi relatada pelo terceiro entrevistado libanês. Naturalizado brasileiro e residente em Foz do Iguaçu⁹, está no Brasil desde 1987. Ao se referir à integração com os brasileiros: “Quando eu recebia brasileiros, comprava cerveja, mesmo sendo contra minha religião. Agora, na casa de brasileiros, eles não servem bebidas para não nos constranger”, o entrevistado é diretor de uma das escolas que cultivam o idioma árabe na cidade.

Entende-se que o idioma e a religião utilizados pelo libanês “são formas de representação da linguagem e dos sistemas simbólicos que dão sentido à identidade, servindo inclusive como um dos fatores que possibilita classificar quem é incluído e quem é excluído”. (WOODWARD, 2000: 8).

Em seu trabalho como administrador de uma das escolas que preservam o idioma e a cultura árabe em Foz do Iguaçu, ele nos declara ser um espectador privilegiado das pressões e expectativas depositadas sobre os ombros da segunda geração, que logo estará tomando as rédeas da colônia árabe em Foz do Iguaçu. Ele e outros pais esperam que o problema não interfira em uma meta da comunidade: que seus filhos aprendam a viver no Brasil, mas sem perder a identidade árabe. “Não gosto quando meu filho fala que é brasileiro, ele na realidade é libanês nascido no Brasil,” confessa o entrevistado.

⁸ Dados fornecidos pelo segundo entrevistado, em 08 de janeiro de 2007. Transcritos por Aretusa Barakat.

⁹ Dados fornecidos pelo terceiro entrevistado, em 08 de janeiro de 2007. Transcritos por Aretusa Barakat.

Na escola que dirige, nem todas as alunas usam o véu. “Ninguém é obrigado a fazer aquilo que não quer, vai da sua consciência e respeito aos preceitos religiosos e a família”, ressalta o entrevistado. O currículo normal é reforçado com aulas diárias de língua e cultura árabes. Utilizam-se nas escolas o hino brasileiro e libanês, as bandeiras do Brasil e do Líbano. Respeitam-se os feriados nacionais e religiosos do Brasil e do Líbano. Aprende-se na escola a História do Brasil e a do povo libanês. A única disciplina deixada de fora é educação sexual. O sexo e a relação com as mulheres talvez sejam os maiores obstáculos no caminho da integração. “No Líbano não existe esse negócio de menina sair com amigos”, diz o entrevistado.

Assim, fica nítido que, como analisa Katrym Woodward, a identidade é marcada pela diferença, nesse caso entre brasileiros e libaneses. Mas parece que algumas diferenças – neste caso entre grupos étnicos – são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares (WOODWARD, 2000: 11).

Isso quer dizer que no caso da comunidade libanesa as meninas podem deixar de usar o véu. Fica a critério da família e não da instituição. A educação sexual com as mulheres está revestida de simbologias e representações, ainda não sanáveis para a sociedade libanesa, presa a antecedentes sociais e religiosos.

Para os homens o discurso é outro em relação a sexo. Para o quarto entrevistado, filho de libaneses¹⁰, um solteiro de 24 anos, esse é um dos grandes prazeres de ser brasileiro. Quase todas as noites ele e seus amigos, todos descendentes, saem para paquerar na noite de Foz

¹⁰ Informações fornecidas pelo quarto entrevistado, em 08 de janeiro de 2007. Transcritos por Aretusa Barakat.

– mesmo que, no final, terminem jogando baralho na casa de um deles. As baladas são sempre regadas, com raras abstenções, de alguma bebida alcoólica. Ele nos relata que sempre namorou brasileira, mas nenhuma delas até hoje pôs os pés em sua casa, “por respeito à minha irmã”, diz ele. Ele não se importa com a nacionalidade da mulher com quem vier a casar, mas sabe que uma brasileira não seria a primeira escolha de sua mãe.

Apesar das pressões familiares, muitos de seus amigos estão se casando com brasileiras, mas não são poucos os relacionamentos que fracassam diante da diferença de culturas. Nesse caso, entende-se que a pressão das famílias para os casamentos serem realizados entre famílias libanesas é um forte símbolo para a manutenção da identidade. No caso do entrevistado, a integração com a cultura jovem brasileira é mais acessível, ele identifica-se com a cultura brasileira, sem esquecer que certas barreiras ainda estão em análise, como o caso de levar namorada brasileira em casa ou casar-se. Ele estaria arriscando a sofrer sanções familiares e sociais em razão disto, já que a construção da identidade é tanto simbólica quanto social (WOODWARD, 2000: 10).

A prima do entrevistado, a quinta e última entrevistada deste artigo¹¹, nunca pôde usufruir as mesmas liberdades – “não porque fosse proibida, mas por não julgar apropriado”. A caçula de cinco irmãos homens sempre teve liberdade para fazer o que quisesse, mas sabia também que tudo estaria sendo monitorado pela comunidade.

Ela manteve essa postura até o dia em que o descendente de italianos, hoje seu esposo, conquistou seu coração nas salas do curso universitário. Até ele procurar os pais dela para pedir sua mão, o

¹¹ Informações fornecidas pela quinta entrevistada, em 08 de janeiro de 2007. Transcritas por Aretusa Barakat.

namoro resumiu-se a telefonemas. Com o casamento marcado, os dois puderam enfim fazer passeios juntos pela cidade, sempre acompanhados de algum familiar dela. Antes de casar, no entanto, o noivo ainda deu um último passo em direção ao coração dos familiares da futura esposa: converteu-se ao islamismo.

Casados desde 2006, o casal parece feliz. “Estamos estudando o Alcorão”, diz ela. Diante das peculiaridades de sua história de amor, eles só não sabem ainda qual será a cultura de seus filhos – se eles gostarão de agir como brasileiros ou preservarão os arraigados costumes árabes – num dilema que certamente marcará as futuras gerações de Foz do Iguaçu.

Stuart Hall nos coloca que a manutenção da identidade só é realizada em uma sociedade quando existe uma crise. Ele define a crise da seguinte forma: o homem sempre teve uma identidade bem definida e localizada no mundo social e cultural. Mas as mudanças fragmentam e deslocam essas identidades. Se antes as identidades dos indivíduos se encaixavam socialmente, hoje elas se encontram com fronteiras menos definidas provocando no indivíduo uma crise de identidade (HALL, 2005: 08).

Analisando a questão “educação sexual e as mulheres”, ou o casamento, entre outros fatores diversos, é possível entender o papel da memória na construção da identidade. Sabe-se que existem situações e acontecimentos que não podem ser e nem devem ser esquecidos. Para Catroga, os acontecimentos do passado são objeto de reordenação humana e social, a inscrever nele o tempo do vivido. Aí temos os ritos, os mitos, as datas, as celebrações que indicam o que é preciso lembrar e o que é possível esquecer (CATROGA, 2001:43). Nesse caso, entende-se que quando existe uma crise, a memória é um dos elementos fundamentais para a manutenção da identidade.

A simples presença dos fatores conflitantes como o sexo, casamento fora da comunidade árabe, o uso do véu, homens podendo casar com quatro mulheres e entre tantos outros fatores, se fazem perpetuar pela simples presença da memória. Isso indica uma constante lembrança do passado, necessária para a manutenção da identidade libanesa.

Os relatos dos entrevistados diante de suas concepções são as formas de organização da sociedade libanesa em Foz do Iguaçu. Seus costumes e tradições transmitidas de geração para geração, a partir de uma vivência e tradição comum, se apresentam como a identidade libanesa. Somente com a continuidade suas tradições a comunidade poderá fazer presente um pedacinho do Líbano em Foz do Iguaçu.

Para maior esclarecimento do assunto em análise, a reconstrução e manutenção da identidade étnica¹² dos libaneses em Foz do Iguaçu, se faz necessário verificar quais são elementos simbólicos para a reconstrução e manutenção da identidade dos libaneses em Foz do Iguaçu. A identidade seria uma construção social, de certa maneira sempre em devir, no quadro de uma relação dialógica entre o eu e o outro (CATROGA, 2001:50). Desta forma, para os libaneses em Foz do Iguaçu, os outros são todas as culturas e pessoas que não sejam libanesas ou não se identificam como pertencentes e integrantes da cultura designada como libanesa.

Ernest Gellner também acredita que sem um sentimento de identificação o sujeito moderno experimenta um profundo sentimento de perda. Um homem deve ter uma nacionalidade, assim como deve

¹² Etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos as características culturais – língua, religião, costumes, tradição, sentimento de lugar – que são partilhadas por um povo. (HALL, 2005:62)

ter duas orelhas e um nariz e ter uma nação não é um atributo inerente da humanidade, mas aparece, agora, como tal (GELLNER, 1983:06). O argumento que se considera aqui é que as identidades não são coisas com as quais nascemos, mas são construídas e transformadas no interior de um sistema de representação cultural.

Como diz Schwarz “uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade” (SCHWARZ, 1986:106). Desta forma a nação é um elemento fundamental para a construção de uma identidade através da construção de um sentimento de pertencimento e lealdade, dotado de sentidos que se fazem presentes em histórias que são mantidas de geração em geração. Memórias que contam no presente o passado, preservando imagens mantidas por todo um imaginário que os une e os faz existir perante as outras comunidades.

Neste caso fica evidente que a memória tem papel primordial e confere uma coerência narrativa à vida dos grupos. A memória vem legitimar os atos do passado e conseqüentemente do futuro, através de símbolos que dão sustentação à identidade. Para poder analisar os elementos simbólicos utilizados pela sociedade libanesa na manutenção da identidade, serão utilizados os estudos de Stuart Hall, que selecionou cinco elementos principais de como estabelecer a narrativa da construção da identidade em uma sociedade:

Em primeiro lugar ele diz: “há a narrativa da nação, que simboliza ou representa as experiências partilhadas, as perdas, os triunfo e os desastres que dão sentido à nação” (HALL, 2005: 52).

O terceiro entrevistado relata desejar que seus filhos aprendam a viver no Brasil, mas sem perder a identidade libanesa. Diz: “não gosto quando meu filho fala que é brasileiro, ele na realidade é libanês nascido no Brasil”. Os dizeres do entrevistado

bastam para descrever a reconstrução e manutenção da identidade, na sociedade brasileira, sem perder a sua identidade libanesa. Isto também está presente nos vestuários e mercearias com produtos árabes. A união os torna fortes e triunfantes perante outras nações. Não interessa se são xiitas ou sunitas¹³, eles são acima de tudo mulçumanos.

Em segundo lugar, “há ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade” (Idem, 53). Desta forma a origem libanesa é algo enraizado mesmo antes do nascimento. Ela faz parte de seu cotidiano de tal forma que se torna indiscutível. Os elementos simbólicos são tão repetitivos e esperados que para eles é melhor não arriscar, e não contestar o que se acredita ser uma verdade absoluta.

Uma terceira estratégia discursiva é constituída por aquilo que Hobsbawm e Ranger chamam de “Invenção da Tradição” (Idem, 54). Um conjunto de práticas inventadas de forma ritual ou simbólica, que visa estabelecer certos valores e normas através da repetição (como no caso de não comer carne de porco ou animal morto a não ser pelo estabelecido no Alcorão; mulheres vestidas dos pés a cabeça através do discurso de que o corpo da mulher é sagrado). Tais preceitos são estabelecidos e tidos como verdade não passível de contestação pelo temor a Deus.

São formas de manobrar, determinar o que é certo ou errado, não esquecendo: se a pessoa contrariar as tradições corre grande chance de exclusão da sociedade libanesa da qual faz parte. Como sempre, o ser humano comum, imerso em sua própria cultura, tende a encarar seus padrões culturais como os mais racionais e mais

¹³ A religião mulçumana tem duas ramificações os xiitas, são aqueles que após a morte de Mohamad, seguiram os descendentes de Mohamad, enquanto sunitas seguiram os califas seguidores diretamente de Mohamad.

ajustados a uma boa vida. Desta forma a possível exclusão é a morte para o espírito. Ele seria um órfão de sua matéria, que não teria mais um porto seguro: a sua identidade como libanês, já que aqui ele é mais libanês que muitos libaneses no Líbano. Aqui sua necessidade de pertencimento é muito maior e necessária para fazer-se existir.

Um quarto exemplo de narrativa “é a do mito fundacional”. Neste caso a comunidade libanesa está ligada a preceitos de origem de solo da pátria Líbano. Tudo o que é certo ou bom vem do Líbano. Exemplo: a família no Líbano tem por tradição, no Ramadã, se reunir na casa dos ancestrais. Desta forma, aqui no Brasil, os libaneses brasileiros deverão sempre se reunir na casa do familiar mais velho para as noites de Ramadã.

A quinta e última narrativa em relação aos meios de reconstruir e manter uma identidade de nação se faz baseada na idéia de um povo original. Ou seja, um dos elementos simbólicos é a reunião entre as famílias libanesas. Ou ainda o fato de se considerar libanês mesmo não tendo nascido no Líbano.

Desta forma, a análise em relação à identidade de uma nação é equilibrada entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade. Mas este retorno ao passado oculta uma luta para expulsarem os outros que ameaçam sua identidade e para que se preparem para a reconstrução e manutenção de sua identidade como nação libanesa em solo brasileiro.

Assim, as identidades estão sendo deslocadas, visando contribuir para costurar as diferenças numa única identidade, que os faz pertencentes e leais a ela, como, por exemplo, as meninas que na escola árabe não usam o véu.

Eles fazem parte de sua comunidade libanesa por falar o idioma e rezar conforme o Islã. Fazem parte das relações sociais

peculiares à sua identidade libanesa, mas quando elas saem às ruas, aos olhos dos brasileiros, não deixam de ser brasileiras, já que suas vestes são as utilizadas com frequência por todos sem distinção de nacionalidade. Isto quer dizer que elas seriam agora brasileiras de origem libanesa, diferente das meninas que utilizam o véu, que para muitos são libanesas nascidas no Brasil. Desta forma verifica-se que todos têm identidades múltiplas que podem competir umas com as outras e reforçar algumas em relação às outras.

Visando manter esta identidade libanesa, eles estabelecem uma fronteira interna na sociedade de Foz do Iguaçu, neste caso: “as fronteiras são simbólicas, capacidades imaginárias, através das quais os homens qualificam, estabelecendo classificações, hierarquias e limites pautando condutas” (PESAVENTO, 2001:07).

Cada cultura organiza sua sociedade definindo o que pode ser feito, o que é certo ou errado. Desta forma as fronteiras internas vêm fortalecer o sentimento de pertencimento da identidade libanesa, que se define pela alteridade com relação ao outro e serve justamente para preservar a identidade frente à possível difusão de preceitos de outras culturas.

Acredita-se que o termo fronteira não se limita à questão geográfica. A cada dia depara-se com vários tipos de fronteira, seja na família, no cotidiano, na religião e em tantas outras.

Mas não se deve jamais esquecer que a identidade libanesa só foi possível porque existem outras identidades em Foz do Iguaçu. Cada etnia visa preservar sua identidade respeitando as demais.

Para existir uma identidade é necessário que os indivíduos tenham sentimento nacional, identificando-se com algum lugar ao qual pertencem. Sem essa identificação nacional o sujeito experimenta um sentimento de perda subjetiva. Assim a nação não é entendida

como uma entidade política, mas algo que produz sentidos. Nesse caso em estudo, um sistema de representação cultural libanesa (HALL, 2005: 57-65).

No passado as identidades eram mais "conservadas" devido à falta de contato entre culturas diferentes; porém com a globalização isso mudou fazendo com que as pessoas interagissem mais entre si e com o mundo ao seu redor.

É possível dizer que Foz do Iguaçu tem sua identidade embasada, segundo Stuart Hall, no conceito de deslocamento. “Uma estrutura deslocada é aquela cujo centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por uma pluralidade de centros de poder, não tendo desta forma a nenhum centro (...) unificado e bem delimitado, uma totalidade (...), a identidade está constantemente sendo descentrada ou deslocada por forças fora de si mesma” (HALL, 2005: 17).

No mundo globalizado, cada vez mais é necessária uma auto-afirmação de existência, através do pertencimento a uma sociedade, vindo à tona questões que reafirmam sua identidade, mesmo estando dentro de outra identidade. No caso libanês a mesquita, escola árabe, vestuário, comida, letras em árabe em seus letreiros e tantos outros itens, permitem reafirmar sua presença dentro deste caldeirão cultural que é Foz do Iguaçu.

Foz do Iguaçu seria um exemplo clássico de globalização. Várias identidades se integram como pertencentes à cidade. Neste caso, os libaneses são iguaçuenses não de nacionalidade, mas de pertencimento, que escolheram viver e perpetuar sua cultura, visando manter sua identidade como libaneses, sem deixar de considerar a identidade geral iguaçuense. São ao mesmo tempo diferentes e iguais

por viverem em uma sociedade onde todos os dias cruzam fronteiras e as integram para consolidar o seu eu e o outro.

Percebe-se que a diversidade proporciona a unidade. Seria enfim “o equilíbrio de contrastes”, que nos diferentes grupos culturais de Foz do Iguaçu, oferece o panorama da nossa vida cotidiana enquanto “uma estrutura deslocada”.

Foz do Iguaçu constitui, acima de tudo, esse complexo de culturas, que através dos aspectos geográficos e econômicos, suscita também uma diversidade de aspectos do ponto de vista cultural que conseguiu quebrar as barreiras, mas nem por isso quebrar as diferenças.

Os árabes em Foz do Iguaçu, com seus traços culturais, já estão inseridos no cotidiano - especialmente seus sistemas de negócios, suas iguarias e hábitos alimentares - como enriquecedores da cultura local. Esse é o quadro atual iguaçuense – o do pluralismo étnico e cultural – que encontra suas raízes no passado; e associando-se, intercomunicando-se, para oferecer uma riqueza cultural diversificada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Fontes:

Sociedade Beneficente Islâmica de Foz do Iguaçu.

Entrevistas :

Entrevistas realizadas com integrantes da comunidade libanesa em Foz do Iguaçu, que requisitaram que seu nome neste artigo fosse preservado, (08 de janeiro de 2007).

Obras consultadas:

BEYDOUN, A. Identife confessionale et temps et temps sociale chez lês historiens libanais contemporains. Beirute: Universidade Libanese, 1986;

COHEN, R. Ethnicity: problem and focus in Antropology. Annual Review Antropology. V. 7,

HOURANI, Albert. Uma historia dos povos Árabes. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

LINHARES, Maria Yeda. Oriente Médio e o Mundo dos Árabes. São Paul: O Braziliense, 2004.

Obras citadas:

BASTANI, Tanus Jorge. O Líbano e os libaneses no Brasil. Rio de Janeiro: 1945. BURKE, Peter. O que é historia cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CATROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra. Fronteiras do Milênio. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2001.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 10^a ed. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2005.

KNOWLTON, Clark S. Sírios e Libaneses – Modalidade Social e Espacial. São Paulo: Anhembi, 1960.

PESAVENTO, Sandra. Fronteiras do Milênio. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2001.

SCHWARZ, B. Conservatismo, nationalism and imperialism. In: HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 10^a ed. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2005.

WOODWARD, Katryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.